



O que aconteceu com o velho comandante argentino?

É o que, até hoje, todo mundo se pergunta, sobre um caso que tem tudo para jamais ser explicado

Na noite de 8 de abril de 2018, um domingo, o telefone tocou na sede do serviço de buscas e salvamentos Salvamar Sueste, da Marinha do Brasil, no Rio de Janeiro. Era o mestre do barco pesqueiro Robson III comunicando que havia visto um grande veleiro navegando estranhamente em círculos, nas imediações de Guaratiba, entre Angra dos Reis e o Rio de Janeiro. O barco tinha as velas arriadas, mas seu motor estava ligado e o leme travado, de forma que ele ficava dando voltas sem parar no mar. Mas o mais intrigante é que, aparentemente, não havia ninguém a bordo.

Começava ali um dos maiores enigmas recentes do mar brasileiro: o desaparecimento, seguido de morte, do experiente comandante argentino Erwin Rosenthal, de 83 anos, único tripulante daquele barco, cujo nome, Misteriosa, ironicamente soava como um prenúncio do que viraria aquele caso - um mistério que, até hoje, não teve todas as respostas.

Na manhã seguinte ao aviso sobre a localização do veleiro à deriva, o navio patrulha Guaporé, da Marinha do Brasil, chegou ao local e constatou que o mestre do barco pesqueiro estava certo: a bordo daquele veleiro, um MacGregor, de 65 pés, com bandeira americana e agora abandonado no meio do mar carioca, não havia nenhum sinal do solitário comandante argentino, conhecido em seu país como “Capitan Erwin”, dono de um currículo com milhares de milhas navegadas. Mas sobravam sinais de que algo de anormal havia acontecido.

O interior do barco estava bagunçado, sujo e remexido - algo incompatível com o lendário jeito metódico do velho capitão. E o cockpit, cheio de pedacinhos de mato seco, desses que grudam na sola dos calçados após

uma caminhada na terra – algo ainda mais absurdo em se tratando de um barco no meio do mar. E mais: havia um botijão cheio de gás de cozinha, desses que usa em casas, não em barcos, no meio da cabine. E, ao lado dele, um engenhoso aparato explosivo, montado com dois foguetes sinalizadores marítimos e uma garrafinha de álcool, atados a um cabo para acionamento pelo lado de fora do casco. O objetivo parecia claro: explodir o barco. Mas, por quê? E por que ele não chegou a ser acionado, se estava tudo preparado? Começavam uma série de perguntas sem respostas. A começar pela mais relevante de todas: que fim teria levado o capitão Erwin?

A princípio, a resposta parecia óbvia. Com mais de 80 anos de idade e navegando sozinho, como costumeiramente fazia, era fácil imaginar que o velho comandante poderia ter tido um mal súbito ou escorregado e caído ao mar, sendo deixado para trás pelo barco em movimento – tese, no começo, defendida por quase toda a comunidade náutica.

Mas aquele sinistro artefato montado no barco e a firme convicção da família de que o capitão havia sido vítima de assassinato, não de acidente, fizeram todo mundo rever suas teorias. Inclusive a própria polícia. Restaram, então, duas hipóteses: latrocínio seguido de homicídio ou abandono voluntário do barco.

Ou seja, o próprio capitão poderia ter tramado tudo aquilo, simulando o próprio desaparecimento, seguido da destruição do barco, num típico caso de golpe contra a seguradora. Mas havia um detalhe: nem ele nem o barco tinham seguro – a única proteção que o veleiro tinha era contra eventuais danos que ele pudesse causar em outros barcos. Além disso, se tivesse tramado fugir e explodir o barco, por que o comandante argentino teria se dado ao trabalho de comprar, num shopping de Angra de Reis, dias antes de partir, os cremes de beleza que sua mulher pedira por telefone? - e que ela os encontrou ao vistoriar o barco, dias depois de o marido ter desaparecido.

Só estes dois fatos já bastariam para fragilizar a hipótese do sumiço premeditado do capitão, embora outras teorias tenham surgido. Uma delas pregava a fuga do argentino por questões amorosas e não financeiras, já que o comandante chegou a hospedar em seu barco uma uruguaia durante a longa parada que fizera em Angra de Reis. Mas a função dela teria sido apenas cuidar do veleiro enquanto ele viajava para Buenos Aires, justamente para o aniversário da esposa. Na volta, a uruguaia teria ido embora.

Contudo, o fato decisivo que colocou por água abaixo a tese de fuga proposital do comandante veio dias depois. Na noite de 4 de maio, quase um mês depois do aparecimento do barco vazio, um corpo do sexo masculino, sem cabeça, faltando outras partes do corpo e em adiantado estado de putrefação, foi encontrado, boiando, nas imediações da Ilha Grande. Pelo seu estado, não havia como ser identificado, razão pela qual a polícia pediu um exame de DNA à família do argentino.

O exame ainda estava sendo processado quando, uma semana depois, outro corpo parcialmente mutilado apareceu boiando na mesma região. Mas com dois diferenciais que logo fizeram a polícia e a família abrir mão de investigar o primeiro cadáver: o novo corpo tinha arcada dentária, um dos mais eficazes meios de identificar uma pessoa, e, mais relevante ainda, uma bermuda branca, de tecido resistente à água, idêntica a que Erwin possuía.

Uma rápida consulta à dentista do argentino, em Buenos Aires, que fez a comparação da imagem da arcada dentária com os registros do seu paciente, comprovou que se tratava, de fato, do corpo de Erwin, já bastante deteriorado pelo tempo que passou em contato com a água salgada - restava-lhe apenas parte do esqueleto (pés, por exemplo, não haviam mais), com alguns ossos unidos apenas por fiapos de tecido.

Recolhida por pescadores, a ossada foi entregue à polícia, que, um mês depois, liberou os restos mortais do velejador argentino para a família enterrá-los em Buenos Aires, sem, no entanto, conduzir uma perícia mais apurada sobre a causa da morte – nem tampouco se empenhou em buscar outras respostas. O velho comandante estava morto - disso não restavam dúvidas. Restava saber como e por que ele havia morrido? E, acima de tudo, já que a hipótese de queda acidental no mar estava descartada, quem o havia matado?

A alternativa mais provável passou a ser a de roubo seguido de morte, num típico caso de latrocínio, crime que, no mar, costuma ganhar um termo mais romantizado: pirataria. Mas que ladrão se daria ao trabalho de montar todo aquele complexo sistema para explodir o barco? Não seria bem mais fácil simplesmente afundá-lo?

Para a primeira dúvida, a causa da morte, o estado em que o corpo foi encontrado não permitiu, segundo a polícia, uma conclusão precisa – até